IBITINGA

MEMÓRIAS ENTRE PROSAS, LINHAS E NÓS

PAPO RETO, CRUZADO E ENTRELAÇADO: OS PONTOS DO PROJETO

Construir histórias de vida é um ofício. Não se trata apenas de recordar, lembrar e contar, na verdade, é uma forma singular de criar, pode ser a mão ou a máquina, sozinho ou acompanhado, nunca acontece acidentalmente, despropositadamente, fortuitamente, inconscientemente, nunca – e atenção! Não confunda as histórias de vida com simples epifanias! Não. Para se construir histórias de vida, primeiro, se separa lembranças, depois, se dialoga com o esquecimento, em seguida, se puxa as memórias, de trás pra frente, enrola três vezes, coloca do avesso, passa para o lado, criam-se pontos, se depara com nós, atravessa para um canto, volta pro outro, e ah! Eis que surge uma bela história de vida, estampada de memórias alinhavadas de sentido.

O livro *Ibitinga - Memórias entre prosas, linhas e nós* reúne as histórias de 25 moradores da cidade, que gentilmente participaram do Projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar compartilhando suas histórias, e sistematiza todo um processo formativo realizado ao longo do ano de 2019.

Para se chegar a essa publicação, professores da rede municipal de ensino participaram de encontros mensais de formação, e estes, refletiam, aplicavam e recriavam as práticas experimentadas em curso com seus alunos. Os educandos, por sua vez, orientados e incentivados a serem protagonistas, vivenciaram rodas de histórias, pesquisaram sobre a história da cidade, definiram seus interesses, elegeram critérios e escolheram coletivamente seus depoentes, elaboraram roteiros de entrevista específicos aos seus entrevistados e conduziram as entrevistas de histórias de vida de maneira autônoma. Após o registro dos depoimentos, debateram e separaram os principais assuntos das narrativas, selecionaram as memórias a serem produzidas e, por fim, desenharam e escreveram os textos que compõem esta publicação.

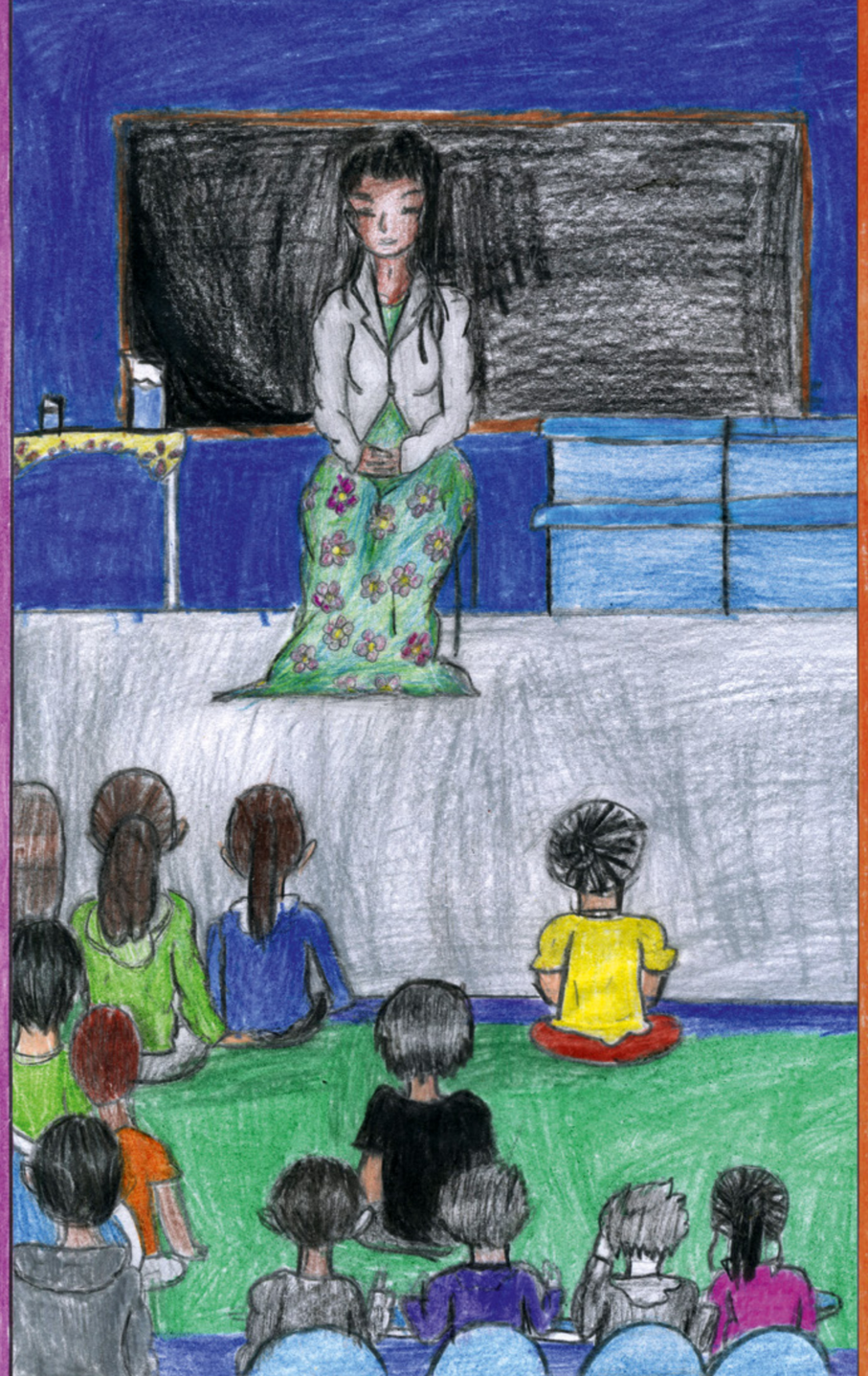
Ufa! Não basta apenas lembrar...

Construir histórias de vida é um ofício. E que potência. As narrativas trazem memórias de uma cidade que não existe mais. - Sabe aquela Ibitinga do footing? Já ouviu falar do *Caipiródromo*? E as disputadas sessões de cinema? -. Assim como permitem refletir sobre o presente e tentar compreender o que aconteceu com a cidade após a "Campanha das Mil Construções". Como ela se tornou o município que ela é hoje, como os bairros cresceram, quais são os medos e sonhos de seus munícipes?

Ibitinga - Memórias entre prosas, linhas e nós traz uma pequena lupa à história da cidade, pequenos causos sobre as pessoas e o município, revela valores e significados, e o principal, trata-se de uma homenagem a todos os moradores de Ibitinga!

Essa ação faz parte do Projeto Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2019 (Pronac 18.3727) realizado pelo Ministério da Cultura, através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), pelo Instituto Museu da Pessoa, com patrocínio da AES Tietê.

Museu da Pessoa



CARO LEITOR,

A valorização da história de uma comunidade pelo resgate e registro das tradições orais, envolvendo antigos moradores, crianças e profissionais da educação pública, é uma forma de promover o acesso à cultura e assim contribuir para a formação plena de cidadãos.

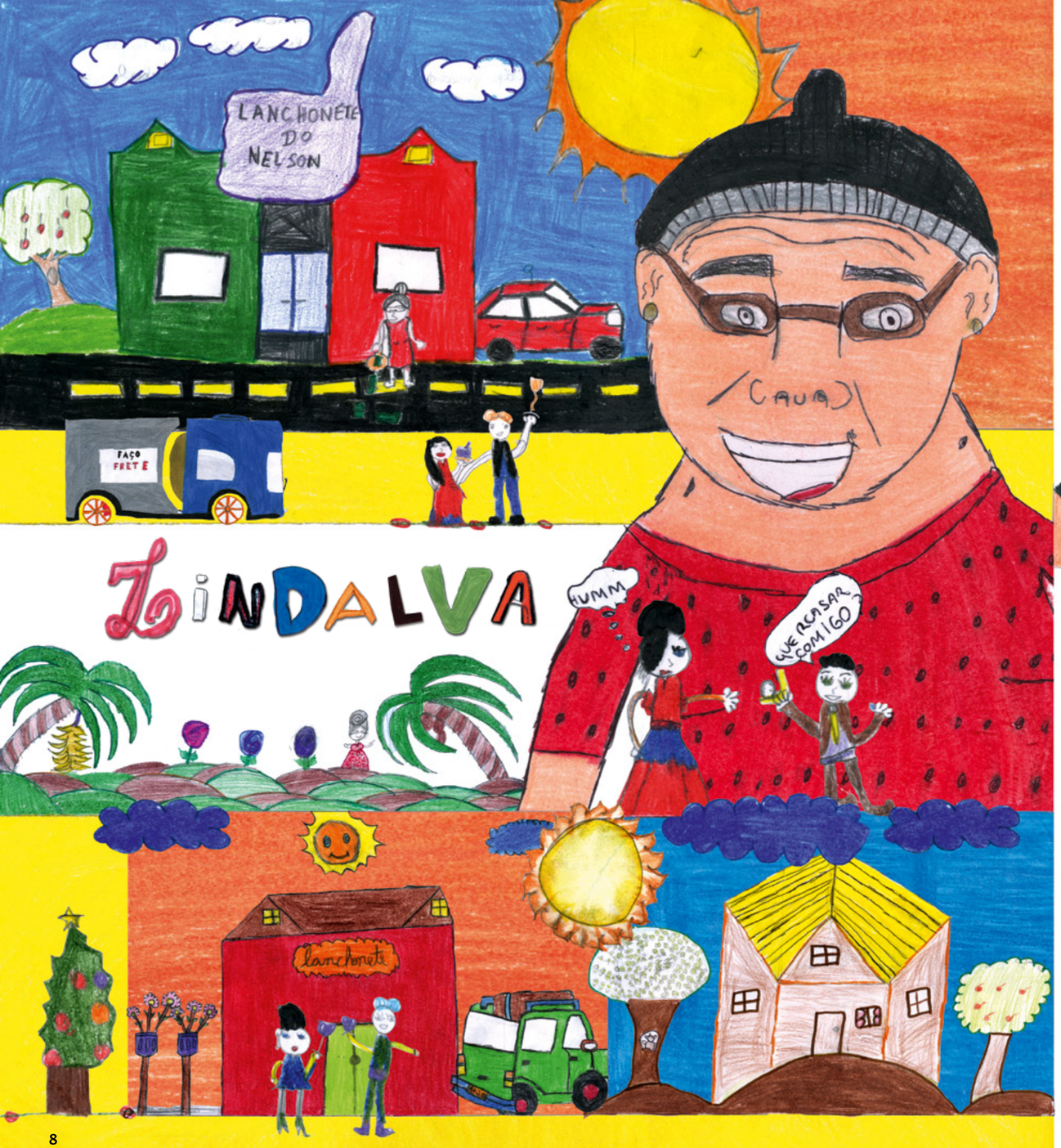
Acreditamos que a iniciativa Todo lugar tem uma história para contar – Ibitinga fortalece a comunidade e aumenta o orgulho de pertencer a esse município, o que potencializa transformações positivas na qualidade de vida de seus moradores.

Juntamente com o Museu da Pessoa agradecemos a todos os envolvidos que se dedicaram às formações, entrevistas, desenhos, fotos e textos a fim de tornar esta publicação um fiel registro da vida em Ibitinga.

Convidamos você a conhecer e a compartilhar essas histórias, que desta forma serão eternizadas.

Boa leitura!

AES Tietê



Como um simples bilhete mudou a vida de bisavó Lindalva

Todos os anos, na cidade de Cortês, as festas de dezembro eram as mais aguardadas, e bisavó Lindalva gostava muito de ir. No ano de 1961, seus irmãos mais velhos já eram casados, e cabia a Lindalva a responsabilidade pelos caçulas da família. Como não conseguiria ir sozinha com seus irmãos para a festa, teve a ideia de mandar um bilhetinho para o bisavô Nelson, que trabalhava como administrador na fazenda vizinha e conhecia alguns de seus irmãos, convidando-o para o passeio.

Animado, Nelson retribuiu-lhe o bilhetinho com outro, e avisou Lindalva que seria um prazer acompanhá-los à festa – ele achou que ela estava interessada nele.

Durante o festejo, bisavô Nelson se declarou a Lindalva pedindo-a em casamento. Na hora ela não respondeu, mas depois de um ano, no dia 25 de dezembro, eles se casaram.

Logo após o matrimônio, bisavó Lindalva convenceu o esposo de que o ideal seria se mudarem para São Paulo para tentar uma vida melhor. A viagem era para ser de lua de mel, mas com eles vieram um cunhado e alguns irmãos de Lindalva, então... A viagem durou oito dias e foi horrível, o ônibus era péssimo. Não havia energia elétrica e as luzes só funcionavam com motor.

A vida em São Paulo foi muito difícil no começo. Até que montaram uma lanchonete e conseguiram prosperar e ganhar muito dinheiro.

Atualmente, bisavó Lindalva mora em Ibitinga e continua casada com o bisavô Nelson. Mesmo amassado e amarelado, ela ainda guarda o bilhete que enviou naquele dezembro, e isso já faz 57 anos.

Lindalva Melo da Silva nasceu em Cortês (PE), no dia 11 de janeiro de 1941. Mudou-se para São Paulo em 1962 e, desde 2010, mora em Ibitinga. Tem 79 anos e é casada há 56 com Nelson. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

A simplicidade de ser feliz

Dirce vivia em um sítio com seus pais e cinco irmãos. Seu pai era trabalhador rural, e sua mãe fazia os trabalhos domésticos, cuidava da família e ajudava nos serviços da chácara.

Mesmo com uma vida difícil, adorava estudar, sentia-se muito feliz em aprender a ler e escrever. A escola onde estudava era muito longe de sua casa; ela saía bem cedo e andava três quilômetros a pé. Nos dias de chuva, colocava um plástico para se proteger e continuava seu caminho mesmo assim.

Dirce estudou até a 4ª série. Desde cedo teve que trabalhar na roça para ajudar a família, e o caminho que a levava até a escola ainda hoje lhe dá saudades. Mas em vida de criança sempre se encontram brincadeiras. Ela gostava muito de brincar com seus irmãos e amigos. Passa anel, pega-pega, esconde-esconde, balança caixão, brincadeiras de roda, quente ou frio – esta era realizada com uma garrafa de vidro – e sua predileta, que era uma que seguia uma cantiga: "Onde tu vais coco de mim..." Fora as bonecas de pano e milho, carrinhos de latinhas, que se puxavam pela cordinha, bolas de meia, brinquedos que marcaram sua infância.

Em sua adolescência, gostava de ir com seus irmãos e amigos até a praça de Tabatinga para assistir aos jogos de futebol. Lembra que a luz era de lamparina. Por conta disso, acordava com o nariz e o rosto todo manchado de fumaça, só depois que veio a energia elétrica. Também se recorda da televisão em branco e preto, com uma antena bem alta, que, quando chovia, não havia reza que lhe fazia pegar.

Outros tempos...

Dirce da Silva Leite nasceu em Tabatinga (SP), no dia 12 de agosto de 1967. É moradora do bairro São Benedito, cidade de Ibitinga. Guarda com apreço a lembrança de seus tempos de escola e destaca a importância da educação. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

DURVAL

Sequestrado pelos índios

O hobby preferido de seu Durval é pescar, e há mais ou menos 25 anos, como era de costume, ele foi pescar com nove amigos no Mato Grosso, próximo ao Pantanal, na fazenda que era do pai da atual prefeita de Ibitinga, Cristina Arantes.

A fazenda ficava entre duas tribos indígenas e, sempre que saíam para a pesca, os índios lhes pediam coisas para deixá-los passar, como comida, objetos e até pinga. Durval ia com frequência para essa fazenda, e o "ritual de passagem" religiosamente era o mesmo. Mas uma vez a história foi diferente.

Durante a pescaria, com o grupo já estando dois dias no local, os índios apareceram em cima de tratores, pintados de vermelho e preto, como era de seu costume quando saíam para guerrear. Armados de arcos e flechas e alegando que os pescadores teriam invadido suas terras, prenderam seu Durval e os amigos e os colocaram no meio de uma roda com mais de 40 nativos.

Os indígenas avisaram que iriam tomar tudo o que os pescadores haviam levado. Seu Durval pediu para que, ao menos, ele pudesse anotar o que lhes estavam tirando. Ele foi escoltado até a caminhonete, com armas em suas costelas, para poder pegar papel e caneta e assim realizar suas anotações.

Depois de muita negociação, por volta de cinco dias, os índios deixaram que os pescadores seguissem de volta para casa, apenas com as roupas do corpo e a caminhonete. Por essa história, ganhou o apelido de Cacique Durval do famoso radialista de Ibitinga Roque de Rosa (in memoriam). Perdem-se os amigos, mas nunca a piada!

Durval de Pascule nasceu em Ibitinga (SP), no dia 19 de setembro de 1939. Casado há 56 anos, conheceu a esposa em um footing, que acontecia ao lado da igreja. Tornou-se sapateiro graças a um tio de que gostava muito e que veio a falecer com 100 anos de idade. Hoje, Durval é um comerciante reconhecido no segmento de calçados. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

De criança festeira a bisavó trabalhadeira

Inocência era uma criança que gostava muito de festas, principalmente as de casamento!

Filha de imigrantes espanhóis e a nona filha de dez irmãos, aprendeu desde cedo a ajudar seus pais no trabalho da roça. Ela, sua mãe e suas irmãs circulavam pela cidade vendendo verduras, batendo de porta em porta.

Levava uma vida simples, morava numa casa de barro e era muito feliz com a liberdade que tinha no sítio. Adorava brincar com suas irmãs de esconde-esconde, pega-pega, passa anel e fazia bonecas de espigas de milho.

Certo dia, suas irmãs mais velhas foram convidadas para uma festa de casamento num sítio vizinho. Inocência era pequena e foi vetada de ir. Então, ela começou a chorar, pular e pedir muito para sua mãe deixar. Chorou tanto, insistiu de tal maneira, que acabou levando umas belas palmadas! Mas, por fim, sua mãe foi convencida a lhe deixar ir. Foram de charrete e ela se divertiu muito naquela festa.

Da vida de muito trabalho no sítio, e de idas e vindas aos festejos dos bairros, conheceu Júlio. Os dois se casaram e, claro, que não poderia faltar uma festa de casamento! Foi uma celebração com muita diversão e foram servidos aos convidados diversos tipos de doces caseiros.

Os dois sempre trabalharam juntos na roça para educar e cuidar muito bem de seus cinco filhos. Passados mais de quarenta anos, ela precisou deixar a vida no campo, após seu esposo partir desta terra.

Como boa festeira que ainda é, adora reunir a família aos domingos para almoçarem juntos e para contar mais causos de sua vida para seus filhos, netos e bisnetos

Inocência Alcalá da Silva nasceu em Ibitinga (SP), no dia 2 de abril de 1934. É um exemplo de mulher que sempre batalhou para o sustento de sua família. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

PEDRO

Da simplicidade a um sonho realizado

Pedro passou parte de sua infância na Vila Maria. Levava uma vida simples, morava nos fundos da casa de sua tia, mas se recorda dos ensinamentos de seu pai, que dizia: "Quem faz o lugar é a pessoa, o mais importante é quem vive dentro dela e não a casa."

As brincadeiras de infância de que mais gostava eram futebol, carrinho de rolimã e jogar bolinha de gude. Também se lembra da escola e, com carinho, de algumas de suas primeiras professoras, dona Carmem (que sempre a encontra), dona Cristina e dona Santa.

Quando adolescente, foi acompanhar a irmã e uma amiga ao "Caipiródromo" (uma casa de eventos) e lá se apaixonou pela colega da irmã. Namoraram e se casaram. No dia do casamento, a caminho do altar, seu sogro chorava muito, não conseguiu dizer nenhuma palavra quando lhe entregou a filha. Mas Pedro entendeu que, a partir daquele momento, não estaria mais sozinho. Começava ali uma união especial, que permanece até hoje e já lhe deu dois filhos.

Em seus momentos de lazer, gosta de estar com a família e amigos. Profissionalmente, procura estar sempre se aperfeiçoando para melhor atender sua clientela em seu estabelecimento comercial, local onde os produtos que mais vende são doces, artigos de papelaria e brinquedos.

Já realizou o sonho de ter a casa própria e ainda almeja ter um pedaço de terra para estar em contato com a natureza. Quem sabe em breve?

Pedro Damião de Souza nasceu em Ibitinga (SP), no dia 23 de fevereiro de 1980. É comerciante, casado com Valéria, tem dois filhos e se há uma coisa de que ele não gosta é de mentira. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Maria Rosa

A recompensa sempre vem para quem constrói uma bonita história

Rosa tem boas recordações de sua primeira professora, dona Belinha, igualmente da professora Didi Simões, da 4ª série, e péssimas lembranças da professora da 3ª série, que lhe puxava as orelhas por não saber resolver os problemas de matemática.

Ela sempre gostou de desenhar, mas não havia cursos específicos na cidade. Assim, por incentivo de sua mãe, tornou-se professora. Fez o Curso Normal e, posteriormente, estudou Pedagogia na cidade de Monte Aprazível.

Como professora, são muitas histórias. Recorda-se de um dia em que substituía a professora de uma turma. Recebeu um telefonema lhe explicando que havia falecido a mãe de um aluno e ninguém fora buscá-lo. Então, quando terminou a aula, pegou-o pela mão e levou-o até sua casa. Quando lá chegaram, sua mãe estava sendo velada na sala. Um dia muito triste.

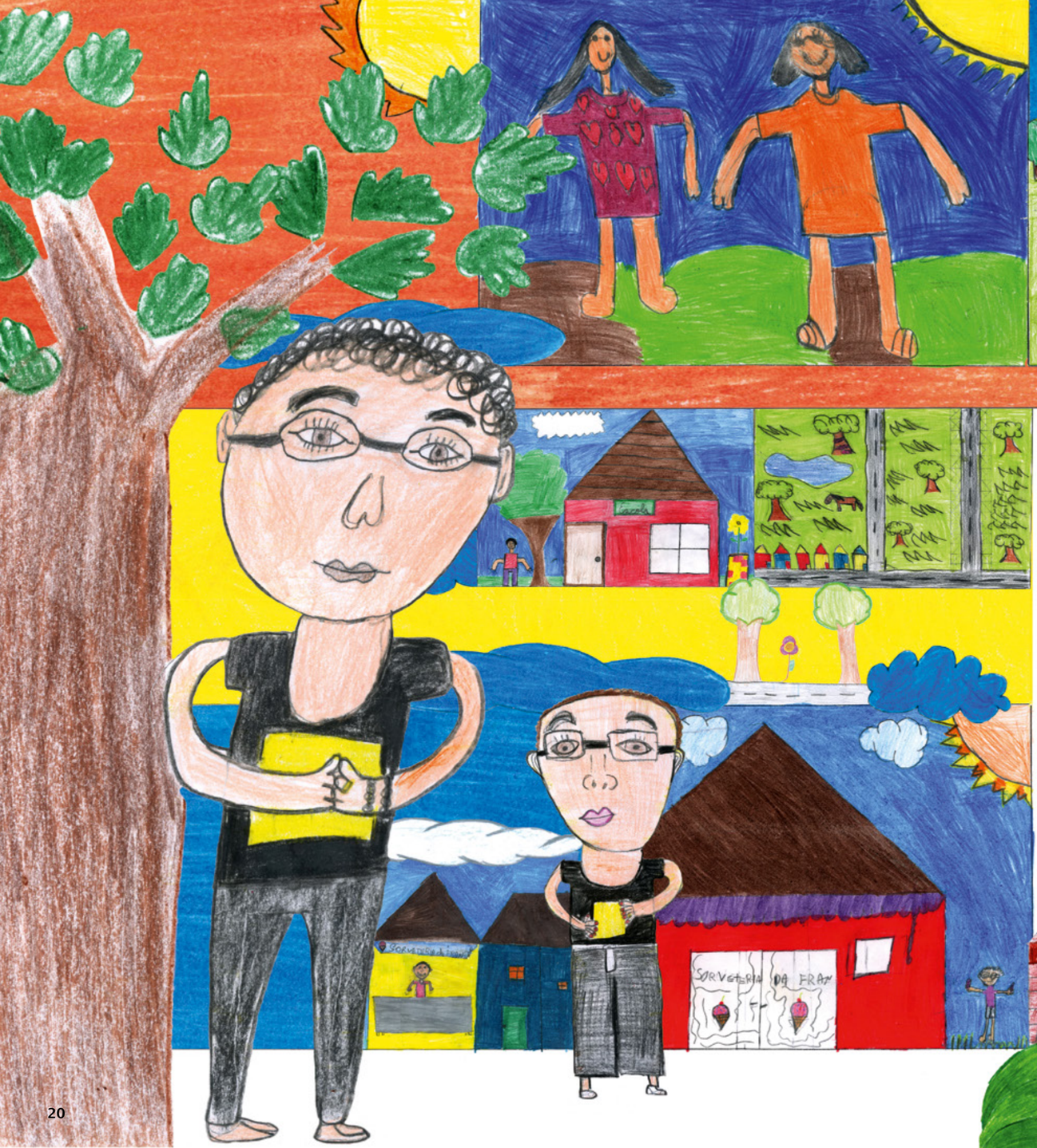
Também se lembra de quando dava aula em uma "tuia", que ficava próxima ao Rio Tietê. Era uma turma multisseriada, de 24 alunos. Aí ela viu "a porca torcer o rabo".

E não poderia se esquecer de suas alunas gêmeas, com cabelos bem compridos e cheios de piolhos. Mandou um bilhete para a mãe das meninas pedindo autorização para poder cortar seus cabelos. A mãe não só autorizou, como no outro dia enviou o irmãozinho para cortar também.

Como diretora, seu maior desafio foi assumir o prédio da Escola Ciei, pois ali passaram a funcionar duas escolas juntas, de ensino fundamental e ensino infantil, com rotinas totalmente diferentes. Ocorreram muitas divergências, mas, com o tempo, tudo deu certo.

O que não faltam a dona Rosa são histórias. E, nessa fase da vida, diz que ser avó é ser mãe açucarada.

Maria Rosa de Biazi Roncada nasceu em Ibitinga (SP), no bairro dos Coqueiros, no dia 6 de novembro de 1947. Casada há 49 anos, tem três filhos: Marcelo, Marco Antônio e Giovane, e dois netos, Pedro e Julia. Foi professora, diretora e hoje, aposentada, dedica-se ao artesanato. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



FRANCISCA

Fran da sorveteria

Francisca nasceu e viveu na cidade de Piancó, no Estado da Paraíba, até o momento em que sua mãe faleceu, quando ela tinha apenas 13 anos de idade. Veio morar no Estado de São Paulo, acompanhando seu pai e seus cinco irmãos, que ela ajudou a criar.

Apesar das dificuldades da época, sua infância foi muito feliz. Brincava de passa anel, taco, amarelinha, além de se divertir no meio da natureza nadando nos rios e andando a cavalo, que até hoje é sua grande paixão e seu momento predileto de lazer.

Sua casa era muito simples, feita de barro, sem piso e outros confortos que só vieram fazer parte de sua vida anos mais tarde. Atualmente, sua casa é muito confortável e, o principal, os banheiros estão dentro de casa e há energia elétrica.

Seus primeiros professores foram seu avô e sua tia, sendo essa lembrada com muita emoção. Ela estudou até a 6ª série; a escola ficava num sítio e as aulas aconteciam em uma casa comum e pequena.

Como seus pais sempre trabalharam para os outros como empregados, ela sempre quis ter o seu próprio negócio. Inspirou-se em sua sobrinha que vendia sorvetes e montou a sua sorveteria. Hoje, é conhecida no bairro, principalmente na escola, como Fran da Sorveteria.

Francisca administra seu negócio com afinco e zela por sua família. Dedica-se aos netos (que são sua vida), filhas, marido e ao pai.

Francisca Soares Vicentini nasceu em Piancó (PB), no dia 1º de julho de 1962. É moradora do bairro Jardim Santa Clara, na cidade de Ibitinga, mesmo bairro onde fica a escola EMEF Prof. Sandra Regina Siviero. É uma comerciante muito querida e avó amorosa. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

A família é muito importante

Reinaldo nasceu e cresceu em Ibitinga, no seio de uma família católica. E, como quase todos os meninos de sua época, adorava jogar bola com seus amigos.

O tempo foi passando e Reinaldo crescendo. E lá estava o moço quando foi a um baile. Dançou, divertiu-se e conheceu uma moça muito linda chamada Renata.

Os novos amigos começaram a namorar.

Renata estava com 19 anos quando perdeu os pais e foi acolhida pela avó de Reinaldo, que a colocou para morar em sua casa. Nessa época, Reinaldo trabalhava com viagens.

Uma noite, antes de uma dessas jornadas de trabalho, Reinaldo foi até a casa de sua avó e pediu Renata em casamento. A eleita aceitou.

A data foi marcada. O tempo passou.

Chegou o grande dia! O casamento foi realizado na Igreja de Santa Tereza. O noivo usou um terno azul e Renata um vestido de noiva com um “chapeuzinho” na cabeça.

Dessa união nasceram suas filhas, que ele ama muito.

Essa é a história de uma família feliz, que encontra a presença de Deus em todos os momentos de suas vidas.

Reinaldo Aparecido Cicoti nasceu em Ibitinga (SP), no dia 4 de julho de 1966. Reinaldo trabalha como motorista, é casado com Renata há muito tempo e sua família é o seu bem mais precioso. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

A história de um policial

Miguel conta que seus pais, Valentim Delmiglio e Ivone Nadir Delmiglio, se conheceram ainda jovens, apaixonaram-se e se casaram. Desse matrimônio, tiveram a felicidade de ter dois filhos, um menino e uma menina, um casal de gêmeos. Miguel tem uma irmã gêmea!

Durante sua infância, Miguel morou com a família em Itápolis, depois se mudou para Borborema, passando bons oito anos, e em seguida retornou para sua terra natal. Conta que perto de onde morava havia um lugar onde ele se reunia para jogar futebol com os amigos da vizinhança. Entretanto, sua brincadeira favorita era polícia e ladrão.

Miguel cresceu e sempre gostou de ajudar as pessoas. Foi assim que resolveu se tornar um policial.

Muitas são as histórias de Miguel sobre a profissão. Diz que é necessário estar sempre alerta, aviso que serve não somente para ele, mas para todos. O colete à prova de balas é apenas uma das maneiras de se proteger.

Atento à curiosidade de seus interlocutores, Miguel explica sobre a abordagem policial em caso de menores de idade. Se há algum problema, os infratores são encaminhados para a delegacia, onde acionam o Conselho Tutelar e, claro, seus pais! Conta que o mesmo acontece com crianças encontradas sozinhas na rua, caso os responsáveis não sejam localizados.

Miguel exerce a profissão com muito orgulho, ama sua família e gosta de ajudar as pessoas.

Miguel Leopoldo Delmiglio nasceu em Itápolis, no dia 24 de maio de 1976. Descendente de avós imigrantes, é policial militar e atua no pelotão de polícia da cidade de Ibitinga. Já ministrou aulas do Proerd para crianças e jovens. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Salvar vidas

Márcio foi um menino que gostava de participar de jogos e competições esportivas na escola. Quando criança, sonhava em ser mecânico e seus brinquedos favoritos eram ferramentas como martelo, chave de fenda, entre outras.

Quando adulto, quis ser médico, mas, com a dificuldade em cursar medicina, viu seu sonho em ajudar pessoas e salvar vidas na profissão de bombeiro. Ingressou no Corpo de Bombeiros no ano de 1992.

Nessa função, recebe os mais diversos tipos de chamados, desde ajudar a tirar um gatinho preso no alto de uma árvore até ocorrências em que somente os bombeiros podem ajudar.

O amor pela profissão já o fez correr risco de morte. Por exemplo, em uma ocorrência, atendeu a um chamado de incêndio em uma fábrica de bordados e um botijão de gás de 45 quilos explodiu, lançando-lhe a vários metros de distância e lhe causando no momento um problema de audição.

Mas nenhum outro fato lhe marcou tanto quanto o atendimento a um acidente de carro em que uma família ficou presa embaixo de um treminhão.

Márcio se sente muito realizado com sua escolha e não deseja outra profissão.

Márcio Leme Teixeira nasceu em São Paulo, no dia 28 de fevereiro de 1970. Filho de pai eletricista e mãe dona de casa, tem mais três irmãos. Mora em Ibitinga e é casado e pai de quatro filhos. Formou-se em Letras e trabalha no Corpo de Bombeiros da cidade. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Recordações, riquezas esquecidas...

Dona Maria reside no bairro Vila Simões desde os seus 10 anos de idade, e isso já faz mais de 50 anos! Existiam poucas casas, ruas sem asfalto e sua morada era feita de bambu e barro, com o chão de terra batida com cinzas.

Sua família era humilde e numerosa, com dez irmãos. Teve uma infância difícil, e como qualquer criança, queria ter muitas coisas, como, por exemplo, uma boneca, mas não tinha condições financeiras para tanto. Recorda-se de seu pai, que dizia: "Aqui estão suas bonecas, seus irmãos mais novos."

Geralmente, alimentavam-se de folhas de batata-doce refogadas. Carne e refrigerante, somente no Natal. Leite e iogurte, só quando tinham dinheiro. A maioria dos alimentos de sua mesa eram cultivados no fundo da casa.

Ao falar de suas brincadeiras de infância, lembrou-se de esconde-esconde, pega-pega e que subiam em árvores e brincavam na rua até tarde, já que naquela época não havia perigo, mesmo na rua sem iluminação. Não tinha televisão, então, ela, seus irmãos e as crianças vizinhas atravessavam o cafezal para ir assistir TV na casa de uma amiga, em outro bairro.

Quando jovem, um amigo da igreja lhe falou de um colega e então eles começaram a se corresponder por cartas, pois ele morava em Campinas. Depois, passaram a se falar por telefone, direto da casa onde trabalhava como empregada doméstica.

O encontro aconteceu no dia do seu aniversário: ele apareceu vestindo uma calça boca de sino e uma camisa social. Ao vê-lo, ficou impressionada, ele era um homem forte, alto e bonito e referiu-se a esse fato com a perceptível feição de alegria.

Casaram-se e tiveram três filhos. Depois de muitas idas e vindas, hoje viúva, com seus netos ao redor, ainda mora no bairro Vila Simões, lugar onde se sente "realmente em casa".

Maria Lucia Soares Lopes nasceu no dia 3 de maio de 1958, em Ibitinga (SP). É viúva, mãe de três filhos, avó amorosa, costureira e moradora fiel da Vila Simões. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Bordados que geraram vidas

Brincadeiras de criança. Bolinhas de gude, pega-pega, mês de agosto e haja pipas no ar!

Cambaratiba o ensinou. Simplicidade de garoto, hoje, cidadão, dono da Gugu Bordados. Muitas batalhas e objetivos atingidos. Venceu! Aplausos, senhor Nedir!

Criativo, sua voz ecoa no ar aos sábados, propagada em ônibus de turistas presentes na cidade. Saudades de seu amigo Roque de Rosa, da Rádio Ibitinga, amigo que já se foi.

Brilho nos olhos ao falar dos pais. Felicidade do casamento, nascimento dos filhos. Lar perfeito.

Pausa para tomar água. Emoção por demais.

Imensa gratidão por sua cidade, pelas mulheres que por ela batalharam.

Dioguina Sampaio Pires, portuguesa, bordou em sua maquininha de pedal as primeiras peças de bordado.

Ramificação de boca em boca pelas sacoleiras. Longas viagens, estradas poeirentas, noites adentro, ônibus sacolejando.

Dioguina, Marias Grilo e Braga, Marieta Macari criaram o ofício de ensinar – a arte de bordar.

Bendita sois, Juliana Zapata, feliz ideia da primeira Feira do Bordado, acanhada.

Invejável, nossa feira. O mundo a conhece.

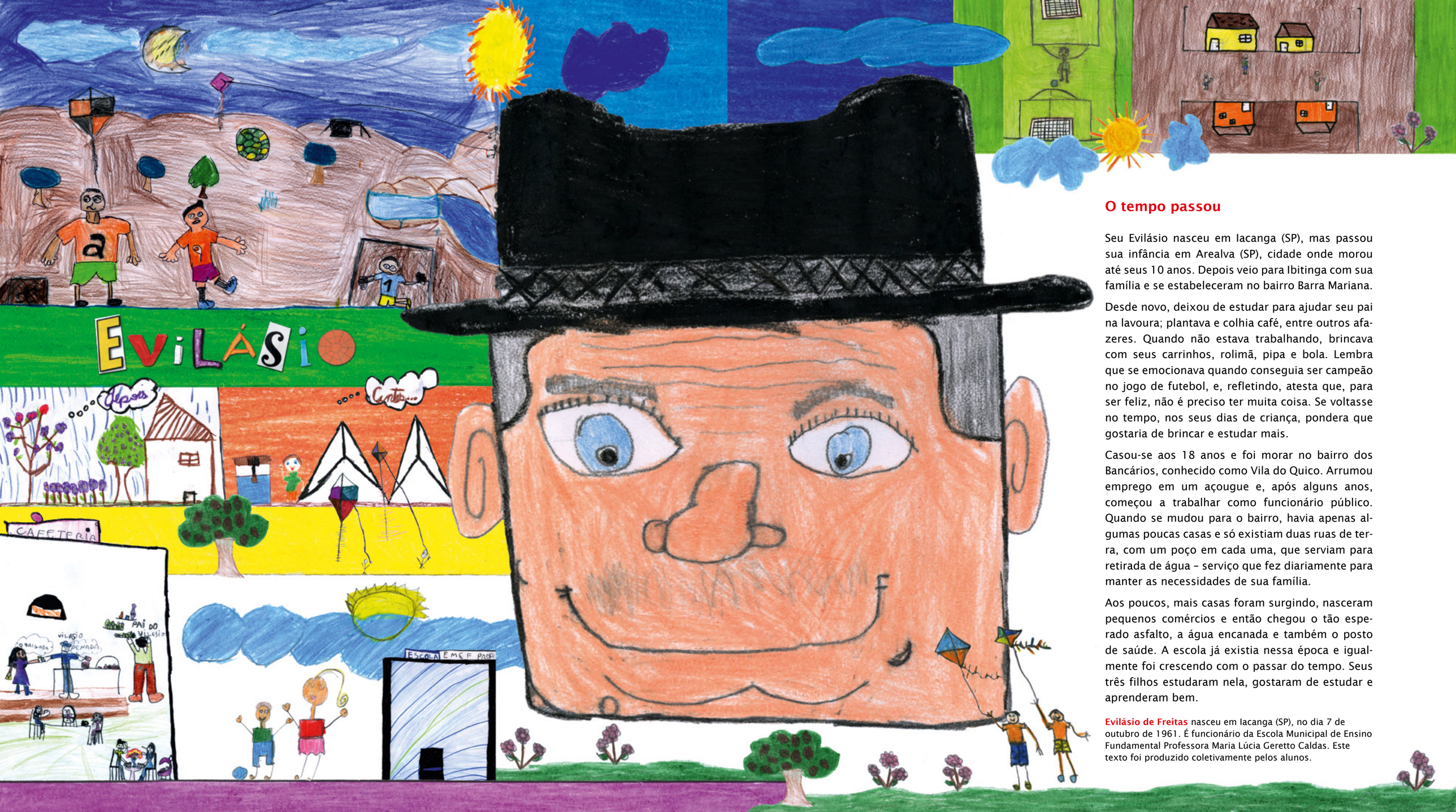
Expôs seus bordados aos olhos do cliente. Um chamariz.

Distrito de Cambaratiba o gerou, experiências adquiriu em São Paulo. Ibitinga seu ápice.

Hoje, seu sonho maior: paz interior.

Seu refúgio: o quintal com belos arvoredos e atender seus clientes.

Nedir Tassis Pires nasceu em Cambaratiba (SP), no dia 20 de março de 1943. Conhecido como "Gugu", tem 76 anos, é comerciante e mora em Ibitinga, terra que ama. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



O tempo passou

Seu Evilásio nasceu em Iacanga (SP), mas passou sua infância em Arealva (SP), cidade onde morou até seus 10 anos. Depois veio para Ibitinga com sua família e se estabeleceram no bairro Barra Mariana.

Desde novo, deixou de estudar para ajudar seu pai na lavoura; plantava e colhia café, entre outros afazeres. Quando não estava trabalhando, brincava com seus carrinhos, rolimã, pipa e bola. Lembra que se emocionava quando conseguia ser campeão no jogo de futebol, e, refletindo, atesta que, para ser feliz, não é preciso ter muita coisa. Se voltasse no tempo, nos seus dias de criança, pondera que gostaria de brincar e estudar mais.

Casou-se aos 18 anos e foi morar no bairro dos Bancários, conhecido como Vila do Quico. Arrumou emprego em um açougue e, após alguns anos, começou a trabalhar como funcionário público. Quando se mudou para o bairro, havia apenas algumas poucas casas e só existiam duas ruas de terra, com um poço em cada uma, que serviam para retirada de água – serviço que fez diariamente para manter as necessidades de sua família.

Aos poucos, mais casas foram surgindo, nasceram pequenos comércios e então chegou o tão esperado asfalto, a água encanada e também o posto de saúde. A escola já existia nessa época e igualmente foi crescendo com o passar do tempo. Seus três filhos estudaram nela, gostaram de estudar e aprenderam bem.

Evilásio de Freitas nasceu em Iacanga (SP), no dia 7 de outubro de 1961. É funcionário da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Lúcia Geretto Caldas. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

FRANCISCO

Uma vida pelo próximo

Francisco seguia sua mãe em suas jornadas à escola, pois era muito pequeno e ela não tinha com quem deixá-lo.

Das aulas que assistiu, conta que sua mãe era muito brava e, seguindo o costume da época, castigava os alunos pondo-os de joelho no milho, além das reguadas na mão etc. Conta que, na sala de aula, ela o chamava pelo nome e nunca por "filho", dando a ele o mesmo tratamento dos demais. Lembra-se de que, quando chegou à idade de frequentar a escola, sua mãe sempre lhe dizia que a melhor fazenda que ele poderia conseguir seria o conhecimento, e que isso o dinheiro não poderia lhe dar.

Lembra-se de que se sua professora enviasse recados sobre seu comportamento inadequado em sala de aula, sua mãe lhe castigava em casa, para que se comportasse melhor dali por diante. Assim, Francisco acabava sendo castigado duas vezes, uma pela professora em sala de aula e outra pela mãe, que não deixava passar nada.

Francisco Carlos Geretto Caldas nasceu em Ibitinga (SP), no dia 11 de setembro de 1954. Advogado (aposentado), é filho de Carlos Ozório Souza Caldas (in memoriam) e da professora Maria Lúcia Geretto Caldas (in memoriam), patrona da escola. Francisco contou com emoção sobre o amor que sua mãe depositava em sua profissão, ofício que exerceu a vida toda com dedicação. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

BENEDITO

Dito Bala

Dito conta que ganhou o apelido “Bala” porque corria muito, como um tiro disparado!

O professor teve uma infância humilde, em que a fome e a doença eram constantes. As privações e os desafios manifestavam-se de muitas maneiras, como quando um de seus irmãos, com sarampo, morreu com desejo de comer “quiqui” (franguinho).

Porém, a fé sempre esteve igualmente presente – uma de suas irmãs sobreviveu porque sua tia acendeu uma vela e fez orações a noite inteira, de joelhos...

Época em que as alegrias duravam pouco. Um dia, ganhou um sapato de borracha, que ficou muito apertado. Mesmo assim, foi ao cinema com os dedos “arqueados”, dentro do novo calçado. Aguardando a sessão na fila dos pobres, debaixo de um sol de esturricar, o sapato parecia pegar fogo.

O que mais gosta de fazer é treinar os garotos para jogarem futebol – alguns já foram encaminhados para grandes clubes –, e isso é motivo de muito orgulho! Além do Santos, que é o seu time do coração.

Sempre procura presentear seus alunos com tênis, chuteiras, chinelos... que não apertam, mas confortam os pés dos jovens. Às vezes, faz um almoço para toda a turma ou dá uma cesta básica para o mais carente, pequenas ações para diminuir um pouco a dor de quem passa fome.

Benedito Martins de Souza (Dito Bala) nasceu em Itápolis, no dia 1º de abril de 1957. Mora em Ibitinga desde criança, gosta muito de pescar e tem muito orgulho de seus alunos. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

TAIANE

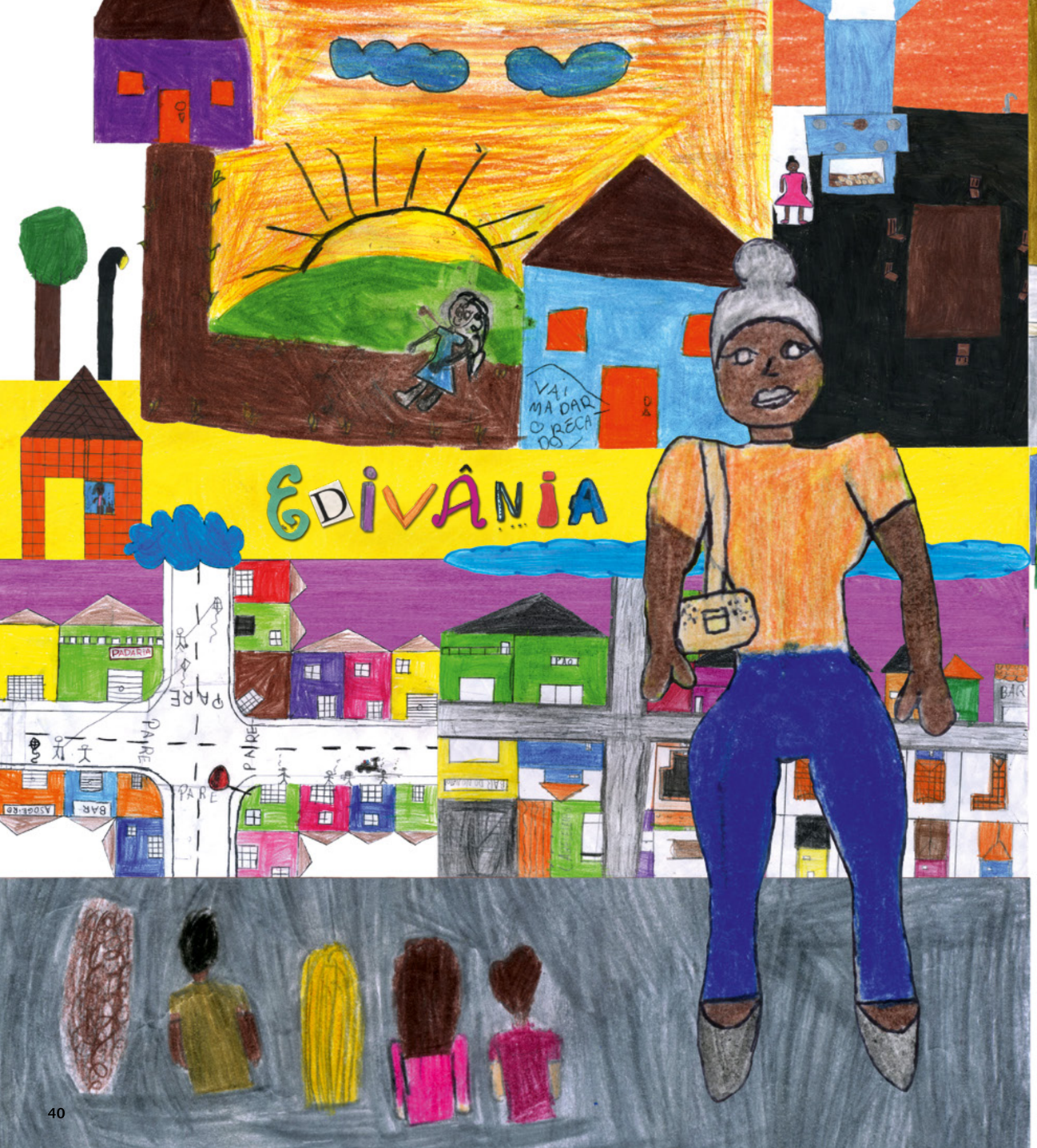
Lembranças e sonhos

Taiane nasceu em Marília, cidade onde passou sua infância. Lembra-se de sua casa, bem modesta, e do terreno à sua frente, onde costumava brincar com seus amigos, algo que adorava. Naquela pequena gleba, havia uma plantação de mandioca e muitas árvores, ela e seus colegas colhiam os tubérculos e os cozinhavam em uma fogueira; em seguida, escalavam as árvores para se deliciarem com o resultado.

Ainda criança, gostava muito de ajudar as pessoas e, por conviver com policiais na família, inclusive seu pai, o interesse pela profissão foi despertado. Seu sonho foi realizado. Hoje, reside em Ibitinga com sua família, seu esposo e filho, cujo nascimento diz ter sido o momento mais emocionante de sua vida.

Na área profissional, sente-se realizada por estar ajudando as pessoas, e até mesmo salvando vidas, como quando salvou um bebê de asfixia. Realiza também um importante trabalho com a comunidade escolar através do Proerd, programa realizado pela Polícia Militar, que objetiva instruir os alunos em relação a temas como a violência, o uso de drogas, entre outros comportamentos considerados perigosos.

Taiane Colombo Simão Faria nasceu no dia 16 de agosto de 1996, em Marília (SP). É casada, mãe e atua como policial militar em Ibitinga (SP). Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



A panela de feijão

Edivânia, em sua infância, sempre ajudou sua mãe nos deveres de casa. Certo dia, enquanto sua mãe estava na roça, resolveu "dar uma" de cozinheira. Viu que não havia feijão pronto e pensou em ajudá-la. Quando sua mãe chegasse em casa, cansada, depois de um dia de trabalho pesado, o feijão estaria cozido e pronto para ser servido no jantar.

Naquela época, não tinha fogão a gás, e por isso precisou acender o fogo no fogão a lenha com gravetos e sacolinhas.

Quando sua mãe retornou de sua jornada, logo se pôs a contar sua ideia e execução, disse que, como não havia feijão pronto, por iniciativa, resolveu fazê-lo e, assim, fazer lhe uma surpresa. Edivânia só não sabia que o feijão tinha ficado malcozido, duro, e que seria impossível comê-lo.

Quando sua mãe abriu a panela e percebeu que o feijão estava duro, em vez de agradecê-la pela ajuda, deu-lhe foi uma bela surra! Isso mesmo, ela apanhou, mas não só pelo feijão ter ficado intragável, mas principalmente pelo perigo dela ter mexido com fogo, pois poderia ter se queimado, torrado a casa, e, além do mais, sua mãe não havia lhe dado permissão para acender o fogão.

Edivânia não teve a intenção de desobedecer a sua mãe, só queria ajudar. Mas, apesar da bronca, tirou lição dessa experiência e hoje orienta seus filhos a que, quando quiserem fazer algo em casa, peçam autorização antes, para não correrem o risco de se machucarem ou de terminarem com umas belas palmadas!

Edivânia Maria de Jesus nasceu na Bahia, no dia 10 de agosto de 1988. Mudou-se para Ibitinga (SP), onde reside até hoje, e tem três filhos. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

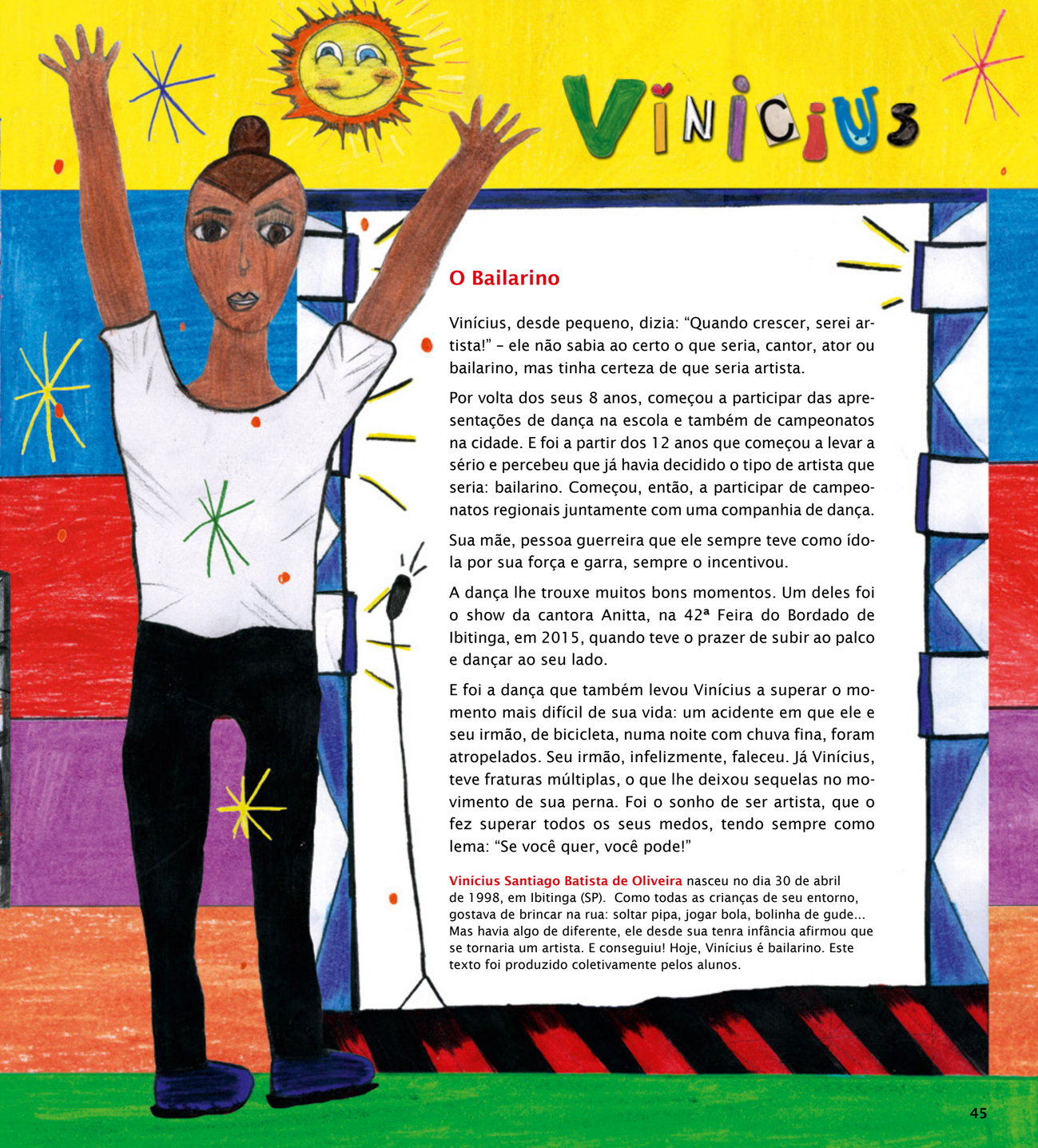
A vida de dona Claudinéia

Dona Claudinéia foi uma das primeiras moradoras do bairro Jardim Taquaral, em Ibitinga. Quando se instalou no bairro, as ruas eram de terra. Na via em que morava, quase não havia vizinhos, e as poucas casas que tinha ali eram de madeira com seus banheiros construídos para fora delas. Sua residência foi a primeira a ser erguida com tijolos e a ter muitas plantas decorando.

Seu amor pelas plantas vem da experiência de ter morado um período no sítio, pois seus pais trabalhavam na roça e lá ela aprendeu a criar vacas, porcos e galinhas, além de cuidar da horta. Adorava brincar, correr livremente e esse gosto também trouxe para a cidade, pois gostava de estar na rua com os amigos da vizinhança, onde soltava pipa, jogava bola, brincava de pega-pega.

Na adolescência, adorava assistir a jogos de futebol com as amigas, e foi onde conheceu seu marido. Depois de muita paquera, casou-se; depois teve quatro filhos, dos quais três ainda estudam na Escola. Seu maior sonho é um dia voltar a morar em um sítio, isso, por dois motivos: acha mais seguro, porque na cidade há sempre a questão da violência e o perigo das drogas. E a outra razão é porque no sítio você pode cuidar daquilo que é seu.

Claudinéia Aparecida Martins nasceu no dia 9 de julho de 1985, na cidade de Ibitinga (SP). Ela é uma das primeiras moradoras do bairro Jardim Taquaral. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



O Bailarino

Vinícius, desde pequeno, dizia: “Quando crescer, serei artista!” – ele não sabia ao certo o que seria, cantor, ator ou bailarino, mas tinha certeza de que seria artista.

Por volta dos seus 8 anos, começou a participar das apresentações de dança na escola e também de campeonatos na cidade. E foi a partir dos 12 anos que começou a levar a sério e percebeu que já havia decidido o tipo de artista que seria: bailarino. Começou, então, a participar de campeonatos regionais juntamente com uma companhia de dança.

Sua mãe, pessoa guerreira que ele sempre teve como ídola por sua força e garra, sempre o incentivou.

A dança lhe trouxe muitos bons momentos. Um deles foi o show da cantora Anitta, na 42ª Feira do Bordado de Ibitinga, em 2015, quando teve o prazer de subir ao palco e dançar ao seu lado.

E foi a dança que também levou Vinícius a superar o momento mais difícil de sua vida: um acidente em que ele e seu irmão, de bicicleta, numa noite com chuva fina, foram atropelados. Seu irmão, infelizmente, faleceu. Já Vinícius, teve fraturas múltiplas, o que lhe deixou sequelas no movimento de sua perna. Foi o sonho de ser artista, que o fez superar todos os seus medos, tendo sempre como lema: “Se você quer, você pode!”

Vinícius Santiago Batista de Oliveira nasceu no dia 30 de abril de 1998, em Ibitinga (SP). Como todas as crianças de seu entorno, gostava de brincar na rua: soltar pipa, jogar bola, bolinha de gude... Mas havia algo de diferente, ele desde sua tenra infância afirmou que se tornaria um artista. E conseguiu! Hoje, Vinícius é bailarino. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Plantar, cuidar e colher

Geraldo cursou até a 4a série na zona rural. Lembra de que havia aulas de segunda a sábado e que não faltava por nada. Meio-dia, ao retornar da escola, almoçava e logo partia para encontrar e ajudar seu pai e seus irmãos na roça, que também aguardavam a marmita que sua mãe Guilhermina já deixava pronta. Depois de um longo dia de trabalho, chegava em casa quase escurecendo, acendia uma lamparina para poder fazer a lição da escola, no caderno que sempre conservava limpo e sem orelhas.

Apesar das dificuldades vividas na infância – o trabalho na roça, plantar milho, arroz, feijão e colher –, a memória que ficou é que tudo era bom.

Muitos anos depois, já casado e com filhos, voltou a estudar. Cursou o supletivo e conseguiu concluir seus estudos até o ensino médio.

Geraldo gosta de estar sempre na companhia de seu violão, que aprendeu sozinho a tocar. Um belo dia, uma pessoa lhe disse que ele tocava bem e lhe perguntou se já havia estudado música. Com um pouco mais de 30 anos, decidiu entrar para a escola de música e lá conheceu Maria José Marotti, a quem é grato por tudo o que lhe ensinou e que lhe permitiu se aperfeiçoar.

Professor de instrumentos dedilhados, especialista em violão e viola caipira, Geraldo é uma referência de luta, trabalho e dignidade. Em suas aulas, sente gratidão e orgulho por ter a oportunidade de ensinar, além dos instrumentos, valores que aprendeu em sua infância: a importância de plantar, cuidar e colher bons frutos. Dessa forma, Geraldo encanta seus alunos com seus dedilhados e suas histórias de vida.

Geraldo de Jesus Nicola nasceu no dia 17 de setembro de 1958, em Borborema (SP). Mudou-se para Ibitinga ainda criança. É educador musical com muito orgulho e se sente uma pessoa realizada e feliz ao lado de sua esposa, com quem está casado há 36 anos. Tiveram dois filhos, o Lucas e a Janaína, e cada qual o presenteou com um neto. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Natal mágico

Natália morou em Ibitinga com seus pais e sua irmã até os 7 anos de idade; depois, mudou-se para Goiás com sua família. Sempre foi muito estudiosa e cresceu cercada por avós, tios e primos.

Durante a infância em Ibitinga, lembra que não podia sair de casa durante a semana, então, brincava com sua irmã no quintal e lá se imaginavam em uma enorme floresta. Nos fins de semana, ia para a casa de seus avós e era uma festa, porque encontrava seus primos e podia brincar na rua; assim, brincavam de esconde-esconde, pega-pega.

De uma família grande que adorava se reunir, o Natal sempre foi o evento mais mágico para ela, principalmente, por causa de sua avó que gostava muito dessa época. A data era planejada por todos, sempre com muita antecedência, e ela e seus primos se reuniam com um tio, que plantava pinheiros, para colhê-los e montar as árvores de Natal.

De volta para Ibitinga, com 15 anos, começou a trabalhar em uma fábrica de bordados com seu tio. Posteriormente, prestou concurso na prefeitura e hoje em dia é agente comunitária de saúde; visita as pessoas nas casas delas, orienta e dá suporte a quem precisa. Emprego que mudou a vida de Natália, pois começou a lidar com várias pessoas o tempo todo e pôde aprender muita coisa. Natália ainda continuou seus estudos e está terminando a faculdade de Pedagogia.

Mãe de dois filhos, casada, se emociona sempre que fala dos Natais em família e dos sonhos para a felicidade de seus filhos.

Natália Janerilo Lopes nasceu no dia 5 de março de 1987, em Ibitinga (SP). Mora com sua família nessa mesma cidade e é agente comunitária de saúde. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

A escola que caiu

Há mais ou menos trinta anos, Solange começou a dar aulas na Vila Simões. Lecionava para crianças de 5 e 6 anos.

A escola era localizada no final da Vila, bem no meio de um terreno cercado apenas por alambrados. No prédio funcionava apenas uma sala de aula e não havia cozinha, então muitas vezes a merenda das crianças foi feita na casa de uma vizinha.

As reuniões de pais eram realizadas à noite, só que não havia iluminação na rua nem no pátio da escola, então, ela tinha que deixar os faróis de seu carro ligados para iluminar o espaço e, assim, podia abrir o portão e facilitar a chegada dos participantes.

Em dezembro, era realizada a formatura da turma dentro da sala de aula, pois não havia um pátio onde pudesse ser feita a cerimônia. A sala era pequena, e os pais mais atrasados se ajeitavam do lado de fora, nas janelas, para poder assistir ao evento de seus filhos. Depois de algum tempo, o padre permitiu que as formaturas fossem realizadas na igreja do bairro.

Um dia, ao voltarem das férias de julho, tiveram uma surpresa desagradável: o telhado da escola havia caído! As aulas tiveram que ser suspensas até que se providenciasse outro local para instalar as crianças. Uma casa foi alugada no bairro; os quartos se tornaram as salas de aula, e a garagem, o refeitório dos alunos.

A população do bairro, então, se mobilizou; fizeram um abaixo-assinado e conseguiram que a prefeitura realizasse a construção de um prédio onde funcionaria a escola, surgindo assim, a EMEF "Professora Francisca Simões".

Solange Prevato Sampaio nasceu no dia 20 de janeiro de 1954, em Ibitinga (SP). Foi a primeira professora da escola da Vila Simões e acompanhou toda sua transição. Solange, hoje aposentada, diz que as coisas pelas quais passou enquanto lecionava não eram vistas como dificuldades, pois ela sempre fez tudo com muito amor. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Ensinando o amor de Cristo

Cidinha nasceu em um sítio em Ibitinga pelas mãos de uma parteira.

Teve uma infância muito feliz, em que não faltaram as brincadeiras de pega-pega em cima da mangueira. Já adolescente, adorava ir ao cinema, mas tinha hora para chegar em casa.

Namorou, casou e teve um casal de filhos. Foi um casamento feliz, mas que um dia terminou. Divorciada e com duas crianças pequenas sob sua responsabilidade, a mais velha com 8 anos e o caçula com 4, teve que se mudar de casa e de vida. Começou a fazer faxina para poder sustentar os filhos.

Sempre muito religiosa, se apegou a Deus para superar as dificuldades. Certo dia, na "missa das mães", ganhou uma bíblia em um sorteio. Uma semana depois, foi convidada para ser catequista e achou que essa coincidência só poderia ser providência divina, então resolveu aceitar essa missão.

A catequese deu um novo sentido a sua vida. O contato com as crianças, ensinar as maravilhas de Deus, falar para elas sobre o amor de Cristo e poder ver suas vidas serem transformadas fez com que Cidinha se sentisse realizada.

Hoje, gosta de participar das reuniões da igreja e encontrar suas amigas. Seus hobbies são cozinhar e viajar. Seu maior sonho já foi realizado: ir para a Bahia de avião para visitar seus parentes e conhecer o mar.

Teve uma vida difícil, mas sempre pôde contar com a ajuda dos amigos e, apesar das perdas, se considera uma pessoa feliz. Não se arrepende de nada do que passou e se vê realizada através de seus filhos maravilhosos.

Aparecida das Graças Ramos Luz nasceu no dia 27 de maio de 1962, em Ibitinga (SP). É diarista, catequista e participa da Pastoral da Partilha realizando trabalhos voluntários em comunidades carentes. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Em busca de um sonho

Desde menino, Francisco sonhava em ser mecânico para consertar caminhões. Acabou se tornando engenheiro mecânico.

Vinha sempre a Ibitinga e foi em um desses passeios que conheceu sua esposa. Conta que, na época, a cidade era bem pequena, com ruas de chão batido e outras de paralelepípedo. Não existiam celulares e poucos tinham telefone.

Trabalhou em vários lugares até chegar a controlador de voo. Nesse período, descobriu a necessidade de retomar os estudos, pois, caso contrário, não conseguiria realizar seu sonho. Disse para si mesmo que precisava recuperar o tempo perdido, estudar, "correr atrás do que não teve". Cursou, então, a faculdade de Engenharia Mecânica e, posteriormente, conseguiu emprego na Embraer como engenheiro.

Quando iniciou sua carreira, a empresa produzia o avião Bandeirante e aviões militares. Trabalhou na área de manutenção, desenvolvimento e testes.

Contou que os aviões passam por um período de avaliação antes de serem liberados para voar. Nesse tempo, são testadas todas as situações prováveis e improváveis que possam surgir durante um voo. Além de exames feitos na própria Embraer, existem alguns testes realizados no Chile e no Polo Norte, onde o avião fica exposto a uma temperatura de 40°C negativos por três dias.

Seu trabalho lhe permitiu conhecer vários países, como França, Japão, Itália. Lembrou que, no início, seu trabalho era feito com uma prancheta, papéis, datilógrafos, tradutores, várias pessoas. Com a chegada da tecnologia, tudo passou a ser feito direto no computador.

Francisco Xavier Theotonio nasceu no dia 23 de outubro de 1952, em Novo Horizonte (SP). Engenheiro mecânico aposentado, trabalhou na Embraer por 30 anos. É casado e pai de dois filhos. Passou sua infância e adolescência em Novo Horizonte e mora em Ibitinga há 20 anos. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Serelepe

Guarulhos é a cidade natal da tia Cris – como gosta de ser chamada. Foi nesse município que ela deu seus primeiros passos, e que passos! Família de origem humilde, porém, de muito respeito.

Sua infância foi bastante alegre. Moradora da periferia, vivia delirando com as brincadeiras de rua existentes. Sempre rodeada de amigos, divertia-se nas estradinhas de terra que circundavam sua residência. Adorava jogar bola e correr pelas alamedas esburacadas da vila, sem se distanciar de casa, pois os pais eram severos na conduta educacional da garota.

Veio, então, o início da alfabetização. Influenciada pelas professoras primárias, encantou-se pelas letras. Na época escolar, do primeiro ao quinto ano, habituou-se à leitura e a contar histórias às outras crianças. Foram momentos inesquecíveis para a pré-adolescente.

Já na adolescência, conheceu um garoto de aproximadamente 18 anos, e ela com 16. Com o consentimento dos pais de ambos, começaram a namorar. A jovenzinha, então, já bastante responsável, começou a trabalhar, e, ao completar 18 anos, fez uma viagem para Ibitinga – foi paixão à primeira vista pela cidadezinha interiorana, local onde reside até hoje.

Casou-se com seu grande amor e juntos tiveram três filhos. Para completar este quadro de alegria, pretende trazer seus pais para também morarem na capital nacional do bordado.

Aquela menina lépida, ávida e alegre, hoje com seus quase 45 anos, ganha a vida aqui em Ibitinga como condutora escolar. Ainda é bastante ligeira, mas com responsabilidade no volante de causar inveja a qualquer piloto de fórmula 1.

Cristiane de Oliveira Sparapan nasceu no dia 15 de outubro de 1975, em Guarulhos (SP). Hoje, mora na Estância Turística de Ibitinga (SP) e trabalha como condutora escolar dirigindo uma van. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Instituto Museu da Pessoa

Diretora-Presidente
Karen Worcman

Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Relações Institucionais
Rosana Miziara

AES Tietê

Diretor Presidente
Ítalo Freitas

Gerente de Relações Institucionais, Comunicação e Sustentabilidade
José Antônio Martins

Coordenadora de Sustentabilidade e Responsabilidade Social
Andrea Santoro Silveira

Analista de Investimento Social
Renata Monteiro Costa

Prefeitura Municipal de Ibitinga

Prefeita Municipal
Cristina Maria Kalil Arantes

Vice-Prefeito
Frauzo Ruiz Sanches

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Secretário
Francisco José Lopes Talarico

Diretora do Núcleo Pedagógico
Francine Aparecida André

Supervisoras
Claudia Aparecida Cicoti Silva
Josiane Fernandes de Oliveira

Projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar – Ibitinga, 2019

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Gestão do Projeto
Renato Herzog

Coordenadora de Projeto
Raquel Ribeiro

Produção
Ane Alves

Produção Local
Gabrieli Gomes de Alcantara

Fotografia
Jacqueline Dameto Alves

Formador
Danilo Eiji Lopes

Escolas Participantes

EMEF Professora Dinah de Mello Campos

Professores
Alessandra Paula Carminate Barca Teixeira – 4º ano A
Giuliana Giansante Pinheiros – 4˚ano C
Cirlene de Fátima Zambini Coletto – 5º ano A
Miriam Cristina Custódio Tonello – 4º ano B
Mauricio Lisboa – 5˚ ano C
Priscila Fernandes da Silva Valente – 5º ano B

Diretora
Maria Angélica Campiteli

Vice-Diretora
Silmara Aparecida Benetaço Roncada

EMEF Professora Maria Lúcia Geretto Caldas

Professores
Joyce Rosa Maria Regiani de Andrade – 5º ano A
Ronise Aparecida Amorim Ribeiro Bruderhausen – 4º ano A

Diretora
Rosimeire Furco Constantino

Vice-Diretora
Elisabete Araujo Supino

EMEF Professora Francisca Simões

Professores
Alessandra da Costa – 4º ano A
Cristiane Rodrigues de Godoy – 4˚ ano C
Giuliana Giansante Pinheiro – 4˚ano B
Renata Maria Ocanha de Freitas Cicoti – 5º ano C
Silvia Aparecida Morini – 5º ano A
Simone Ribeiro – 5º ano B

Diretora
Karina Rossi Assme Nakamura

Vice-Diretora
Silvia Tereza Lamino Carvalho

EMEF Professora Sandra Regina Siviero

Professora
Ana Lúcia Castellace Talarico – 4º ano A
Angélica Rossigalli Cisotti – 4º ano B
Cibele Cristina Troi Agostini – 4º ano E
Celina de Cassia Cinegaglia Silva – 5º ano C
Cirlene de Fátima Zambini Coletto – 4º ano D
Cristiane Rodrigues de Godoy – 5º ano A
Eliete Conceição Ribeiro de Carvalho – 5º ano D
Gislaine Amaral Machado – 5º ano B

Diretora
Judite Zavitoski da Silva

Vice-Diretora
Denise Andrade Muniz da Costa

Coordenadora
Silvani Novelli de Baptista

EMEFEM Professor Benedito Teixeira de Macedo

Professores
Andresa da Silva Barbosa – 4º ano A
Aparecida Helena Mozzato – 4º ano B
Virginia Helena do Nascimento – 5º ano A

Diretora
Sueli Mioralli Vasques

Entrevistados

Aparecida das Graças Ramos Luz
Benedito Martins de Souza
Claudinéia Aparecida Matins
Cristiane de Oliveira Vianna Sparapan
Dirce da Silva Leite
Durval de Pascule
Evilásio de Freitas
Edivânia Maria de Jesus
Francisca Soares Vicentini
Francisco Carlos Geretto Caldas
Francisco Xavier Theotônio
Geraldo de Jesus Nicola
Inocência Alcalá da Silva
Lindalva de Melo da Silva
Marcio Leme Teixeira
Maria Lúcia Soares Lopes
Maria Rosa de Biazi Roncada
Miguel Leopoldo Delmiglio
Natália Janerilo Lopes
Nedir Tassis Pires
Pedro Damião de Souza
Reinaldo Aparecido Cicoti
Solange Prevato Sampaio
Taiane Colombo Simão Faria
Vinicius Santiago Batista de Oliveira

Publicação *Ibitinga - Memórias entre prosas, linhas e nós*

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos
Danilo Eiji Lopes

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama Nara

Produção
Ane Alves

Design Gráfico
Fernanda Mascarenhas
Renato Theobaldo

Finalização Gráfica
Manar Zind

Produção Gráfica
Praxinoscópio

Desenhos e Produção dos Textos
Alunos participantes do projeto

Lei de Incentivo à CULTURA

Patrocínio AES Tietê

Apoio IBITINGA

Realização Museu da Pessoa

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL